

A AÇÃO CULTURAL E A DIMENSÃO CRIADORA

Suzana Schmidt¹

Resumo

Este artigo se propõe a revisar e aprofundar o conceito de *Ação Cultural*, conforme proposto em meu livro *As Regras do Jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático* (SP: Hucitec, 2006). A ampliação dessa reflexão se dá à luz do pensamento de Guattari e Deleuze e da minha experiência como coordenadora pedagógica do Projeto Teatro, do Programa Vocacional (projeto de ação cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo), em 2010 e 2011.

Palavras-chave: ação cultural, teatro-educação, arte e política.

Abstract

This paper proposes to review and deepen the concept of Cultural Action, as proposed in my book *As Regras do Jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático* (SP: Hucitec, 2006). This reflection is expanded and widened, influenced by the thoughts of Guattari and Deleuze, as well as by my experience as a pedagogical adviser of the Projeto Teatro, within the Programa Vocacional (cultural action program of the Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo), in 2010 and 2011.

Keywords: cultural action, theater-education, art and politics.

Caos e Multiplicidade

Todas as manhãs eu me levanto, me lavo, tomo café com biscoitos, me visto. Elaboro uma autoimagem condizente com o clima, com minha idade, meu trabalho, com os olhares que quero dispensar ou atrair, com minhas necessidades de deslocamento pela cidade e com as diferentes atividades que empreenderei ao longo do dia. Brinco com minha filha, a lavo e alimento e a arrumo de acordo com o clima e suas necessidades sociais e pessoais de ir à escola, de brincar e se sujar ao longo do dia.

Saio para caminhar até o ponto de ônibus, deixo meu bairro arborizado observando as folhas mais ou menos verdes, de acordo com a estação do ano, e os cachorros que disputam espaço na calçada, liderados pelo funcionário do serviço de *dog walking*. Sinto o vento mais ou menos quente, as flores fechadas ou abertas e sorrio sempre que me atravessa uma revoada de passarinhos. Aos poucos as árvores escasseiam, a fumaça aumenta e me aproximo do centro da cidade. Passo pela escola da minha filha, pela academia de ginástica, onde homens e mulheres mais ou menos gordos mostram seu esforço em direção à saúde e à boa forma pelas imensas janelas de vidro; passo pelo laboratório de engenharia genética, pelo salão de cabeleireiro, pelo edifício de alto luxo em construção, pelo hotel de pernoites, pelo supermercado *kosher* e pelos botecos que servem café, pastel, cerveja e pão de queijo, alimentando seus clientes também de informações 24 horas expostas nas telas de LCD que, ao lado dos relógios, ornamentam invariavelmente as paredes de todo lugar de refeição e encontro público.

Penso nas reuniões que me esperam, nas dívidas a pagar, nas tarefas que não consegui ainda concluir, em um ou outro sonho possível, nos sorrisos da minha filha e no homem que gostaria de beijar. Apresso o passo, pois estou invariavelmente atrasada e cruzo a rua quase sempre me desviando de veículos rápidos, com seus condutores também atrasados para seja lá o que for - ou parados em congestionamentos que permitem uma ou outra conversa, ou consulta à internet no celular.

Pego o primeiro ônibus que passa, desço na Praça da República, onde uma nova série de eventos, lugares, paulistanos, nordestinos, nigerianos, igrejas, moradores de rua, guardas de trânsito, escolas públicas, lojas, restaurantes por quilo e mini-shoppings de produtos contrabandeados cruzam o meu caminho, meu olhar, meus pensamentos e sentidos. Finalmente chego ao meu local de trabalho, me identifico para o serviço de segurança e pego o elevador. Chego ao oitavo andar, onde me fecho em uma sala quente e me sento mais ou menos confortável, na companhia de colegas mais ou menos íntimos. Discuto por horas a fio as possíveis ações e procedimentos para novas reuniões, orientações e encontros, mais ou menos eficientes, em um projeto de política pública para o desenvolvimento de ações artístico-pedagógicas ao longo de toda extensa, caótica e dinâmica metrópole de São Paulo.

Nesse breve percurso, uma série de símbolos, acontecimentos, imagens e desvios constroem o mapeamento provisório de uma realidade que se revela em vários substratos dobrados infinitamente uns sobre os outros, e que possibilitam minhas leituras da realidade, contrastada com a reinvenção constante da minha memória e dos meus processos de vida.

1 Mestre em Teatro-Educação pela ECA-USP, autora do livro "As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático" (SP: Hucitec, 2005). Atua na formação de professores e orientadores de processos artístico-pedagógicos. É também dançarina e diretora de teatro, tendo participado por dez anos do grupo Minik Momdó. Tem atuado como professora conferencista do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, da ECA-USP e atualmente é coordenadora pedagógica do Programa Vocacional, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

2 "O animal caça-às-cinco-horas"; "um-cavalo-cai-na-rua", são exemplos de composições em que, segundo Deleuze, os seres não se destacam mais do cenário nem da atmosfera, mas são compostos imediatamente, originariamente com eles (ZOURABICHVILI, François. *Vocabulário Deleuze*. Ifch-UNICAMP, 2004, p.44).

Todos os dias somos atravessados por inúmeras imagens-movimento² que fazem parte não apenas do nosso cotidiano, mas que constituem nosso imaginário e afetam continuamente nossa subjetividade, elaborando-nos constantemente em uma cartografia de afetos e percepções que nos assombram e se relacionam com outros afetos e percepções, materializando-se como ações, objetos e discursos no campo da cultura. Esses percursos cotidianos quase sempre nos passam despercebidos, pois no caminhar entre lugares e referências estão imersos também os nossos desejos e sentidos. A rapidez dos hábitos e necessidades do dia a dia nos impede de perceber que somos na verdade constituídos por esse emaranhado de agenciamentos, do conjunto das relações materiais, simbólicas e de desejos que marcam nossos próprios domínios e identificações subjetivas.

Como podemos então suspender essa realidade e nos deixar escapar dessa ordem que nos define a percepção, a afetividade e o pensamento, enclausurando nossa experiência em formas prontas, determinadas pela própria cultura? Como encontrar fendas nos trânsitos automaticamente realizados no dia a dia e permitir-nos ir ao encontro da vida em sua dimensão criadora? E como, a partir dessa suspensão, possibilitar novos olhares e construir novos sentidos e possibilidade de ser e estar no mundo?

É nesse sentido que compreendemos a ação cultural: como qualquer ação, no campo da cultura, capaz de interromper e desviar o fluxo cotidiano dos hábitos e valores dos agenciamentos e da indústria cultural, permitindo que linhas de fuga criem novos territórios, novas possibilidades de viver, de sentir e de habitar melhor o mundo. A ação cultural baseia-se diretamente na produção simbólica de um grupo, sendo necessário então inverter o processo do consumo para a criação de novos conceitos, relações e materiais que não se limitem a apenas reproduzir ou representar formas ou pensamentos, mas criar novas visões de mundo e possibilidades de existência.

Como lançar então esse confronto à prática artística, para que esta, ao deixar de ser representação de formas, abra uma brecha na possibilidade de reconstruir subjetividades? Como lançar-se no campo do risco e das possibilidades imprevisíveis do aqui-agora, para permitir o afetar-se e o reformular-se constantes que implicam na re-territorialização de consciências, em novos desejos, novos campos de possibilidades de compreender-se enquanto ser em relação com o mundo? Como permanecer sempre à deriva, na luta constante por obter a sobrevivência de uma cultura que, para poder permanecer, talvez tenha que ser constantemente destruída? E, finalmente, como empreender projetos de políticas públicas de cultura em um mundo refém de si mesmo, de valores e práticas muitas vezes obsoletos que custam a enterrar os seus mortos e abrir-se para a possibilidade de novas experiências, de novos significados e modos de ser e estar no mundo?

Mutabilidade e permeabilidade

Nessa busca pelo entendimento e prática da ação cultural enquanto abertura de campos para a reformulação da própria práxis política - conceito compreendido aqui como sentimentos, discursos e ações que se lançam no espaço público - propomos a investigação da experiência criativa como campo de experiência viva, e de seus processos constitutivos como processos orgânicos. Nesse sentido, é preciso o aprofundamento das relações entre seus componentes, para que se abram em seus graus de permeabilidade, possibilitando trocas múltiplas que afetem constantemente o equilíbrio-desequilíbrio desses processos. Essas relações de alteridade são capazes de romper as zonas aparentemente impermeáveis e confortáveis dos agenciamentos, para deixar escapar novas formas que se estruturam em criações de novos sentidos, na relação objetivo-subjetiva da elaboração e compartilhamento da própria obra artística.

Guattari afirma que “da amplitude desta capacidade de acolher o estranho, depende do vigor com que a vida se afirma em nossa existência” (ROLNIK, 1993, p.3). O processo vital, ou seja, o conjunto de mecanismos e relações que geram a própria vida, só se mantém por meio de um constante diferenciar-se, elaborando-se novas subjetividades e, conseqüentemente, o próprio processo histórico.

A experiência da ruptura de sentido é, portanto, inseparável da vida em suas formas de organização. Para um físico, o conceito de vida consiste na redução da entropia interna (aumento do desequilíbrio em um sistema). Para um geofisiologista, a vida é a propriedade de um sistema limitado que está aberto a um fluxo de energia e matéria. Ao observarmos os grandes ecossistemas da natureza, vemos que estes se perpetuam nas trocas entre os elementos que os compõem, nas entradas e saídas de matéria e energia utilizada e reutilizada, mantendo constante o ciclo de relações entre os seus elementos. As propriedades de um sistema não são discerníveis se mantivermos nosso foco nas partes separadamente, sem pensar em suas interconexões. Dessa maneira, os organismos vivos não são vítimas passivas dos ambientes, mas o alteram a partir dos seus próprios processos vitais.

Transpondo essa reflexão para o processo criativo, podemos dizer que as relações de alteridade estabelecidas entre seus componentes (autores, criadores, elementos materiais a serem manipulados e o ambiente-espaco-tempo), possibilitam o mergulho no caos infinito que constitui a realidade. Materializa-se a criação por meio da organização de problemáticas que adquirem sentido no próprio confronto dos afetos e perceptos impulsionadores dessas relações. Como diz Deleuze, “não amamos alguém separadamente das paisagens, das horas, das circunstâncias de toda natureza por ele englobadas. Pois é assim que somos afetados, ou que o afecto nos arranca dos bordões e das afecções usuais e o percepto, das esperas e das divisões espontâneas da percepção ordinária” (ZOURABICHVILI, 2004, p.44).

Como então abrir a possibilidade de compreender o homem e seus processos no campo da cultura, fora de uma racionalidade fragmentada que, ao estabelecer uma separação entre objetivo e subjetivo, distinguindo campos de ação distintos para a intuição, a percepção e a racionalidade, reduz a experiência humana a métodos instrumentais e tecnicistas? Tal reducionismo acaba por não dar conta de abarcar nas suas obras o assombro de um simples caminhar em direção ao trabalho, de brincar com uma criança ou de devanear sobre as possibilidades do amor, ou seja, da própria complexidade da experiência humana. Como ultrapassar essa experiência fragmentária de vida e abrir possibilidades para que as resoluções dos problemas, seja nos procedimentos simples empreendidos em uma sala de aula, ou em ações complexas que permeiam as políticas públicas, sejam também permeadas da imaginação que constitui a realidade, ao ligar os instantes temporais que atravessam nossa percepção?

Complexidade

Neste ponto, permito-me uma breve reflexão sobre a essência do tempo e sua relação com a qualidade sutil do elemento espaço. Segundo Bachelard, a vida não é uma continuidade linear de fatos que se perpetuam ao longo de uma linha de duração, mas sim descontinuidade que nos afeta ao focalizar o nosso olhar nos detalhes e no descortinar-se do novo a cada instante de acontecimentos. Na experiência vivida entre minha casa e meu local de trabalho, encontro e crio várias atmosferas que me permitem estar ao mesmo tempo em dimensões múltiplas. Ao focalizar o tempo cronológico e o espaço demarcado em passos, ou quilômetros, permito-me uma maneira específica de contato com a realidade. No entanto, ao transferir o foco da minha percepção para o sonhar, ou devanear enquanto caminho, abrem-se as possibilidades ao infinito. Quantos tempos

e espaços então eu poderia vivenciar, quantos campos de experiência se abrem ao se imaginar ligações entre os pontos isolados que encontra cada instante do meu percurso? Quais janelas se abrem a partir de cada recorte de observação, de cada acontecimento, ou cor, ou som, ou imagem-movimento que afeta minha percepção e faz fugir meu pensamento e, conseqüentemente, novamente meus sentidos?

E como ainda ir além e fazer disso criação? Como a partir desse caos estabelecer-se um plano, um recorte de experiências que, organizadas como um sistema aberto adquira uma forma que remeta a um ou vários novos sentidos? Como cruzar a rua apressadamente pode-se transformar em chuva instável que se faz dançar pelo vento? “Subjetividade e corpo, emoção e sentimento, ação, pensamento e imaginário parecem dobrar-se uns sobre os outros, dilatando a plasticidade corporal e criando interfaces que se revelam na construção de linguagens, de significações, de símbolos” (GOMES, 2006, p.245).

Essa breve reflexão sobre o tempo e o espaço nos remete novamente à permanência da vida pela química da instabilidade: pela construção/destruição/reinvenção constantes. Propomos então, a radicalidade de uma ação cultural a partir da instauração de processos criativos, que permitam não apenas a suspensão das subjetividades e a permeabilidade do afetar e o ser afetado, para possibilitar o mergulho no caos e nas relações que nos movem a outros territórios, a outros campos simbólicos e suas materializações possíveis. Abraçamos também o encontro com uma processualidade da permanência na mutabilidade constante.

Abrimo-nos então para ações que permitam o confronto com o caos, com as inquietações e com as crises, permitindo que as dificuldades do ambiente, dos fatores sociais e políticos, nos impulsionem e nos movam em direção a um processo que se re-organize continuamente. Nesse sentido, possibilitam-se novas descobertas, aberturas para novos entendimentos,

modos de organização e operação de processos e construções estéticas, maneiras de se investigar não apenas formas e procedimentos artísticos, mas maneiras de ser, estar, compreender e dialogar com o mundo. Criam-se assim novos territórios nas infinitas possibilidades de articulação e ressignificação em todas as etapas de investigação. E na construção de sua memória, autorreflexão e compartilhamento de seus produtos, novos complexos de subjetividade são revelados por investigações estéticas coletivas.

Como diz Guattari: “a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que auto-enriqueça continuamente a sua relação com o mundo” (GUATTARI, 1992, p.38). Refletindo nesse sentido sobre a ação cultural, propomos a investigação de modos de produção que reflitam os conflitos e idiosincrasias de realidades disfarçadas de permissividade e de escolhas que não passam de agenciamentos da indústria cultural. E que na exposição e debate desses conflitos encontre-se um modo de criação que se liberte do pensamento representativo e assujeitado e aproxime o criador (ou criadores) dos seus processos vitais, possibilitando a realização não apenas de obras, mas de proposições estéticas que sejam baseadas em reterritorializações significativas de realidades profundamente vivenciadas e confrontadas coletivamente.

Amplia-se assim o conceito de ação cultural, compreendendo esse encontro do homem com suas criações e práticas no universo da cultura a partir da perspectiva da complexidade e das possibilidades de reinvenção constantes ao se estabelecerem trocas e relações significativas entre ambientes e indivíduos. Compreendem-se assim tais ações como construção de práxis e subjetividades que impulsionam coletivamente as transformações políticas e sociais, a partir da tomada de consciência de “multiplicidades que se desenvolvem para além do indivíduo” (GUATTARI, 1992, p.20).

A ação cultural possibilita a experiência nas infinitas possibilidades de existência ecossistêmicas, colocando o fenômeno artístico-cultural como o próprio criador de linhas de fuga em territórios sedentários. Este se torna emancipador, ao se aliar à crítica dos valores vigentes e à tomada do espaço público. Guattari, ao refletir sobre os movimentos sociais revolucionários, afirma que é sempre “a mutação existencial coletiva que terá a última palavra” (GUATTARI, 1992, p.12). Finalizamos então no anseio de que se problematizem as políticas culturais, públicas ou privadas, permitindo a efetivação de práticas decorrentes de uma reflexão em torno do sentido de se habitar melhor o mundo. Trazendo a metáfora do cultivo, desejamos que a terra, uma vez revolvida e semeada coletivamente, nos destitua do terror ao outro e nos alimente de novas possibilidades de existência.

Referências bibliográficas

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1992.

GOMES, Sandra Lúcia. A aranha baba e tece a teia ao mesmo tempo. In: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo (org.). *Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento*. 1ª edição. São Paulo: Summus, 2006, pp.243-272.

PAIVA, Rita. *Gastón Bachelard: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia*. 1ª edição. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2005.

ROLNIK, Suely. A morte de Félix Guattari In: *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n.1, p. 35-40, mar. 1993.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004. [Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Ifch-unicamp:] Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/17303520/FrancoisZourabichvili-Vocabulario-Deleuze> >.